
O IMPRÓPRIO DO NOME PRÓPRIO NA ROLIÚDE BRASILEIRA

The inappropriateness of proper names in Brazilian Hollywood

Antonieta Heyden Megale¹

RESUMO: Neste artigo, mediante a análise de um *website* no qual futuros pais discutem e pedem sugestões acerca do nome de seus filhos, busco compreender as razões que levam esses indivíduos a optarem por nomes que derivam ou que possuem em sua grafia traços da língua inglesa. Percebe-se que esses nomes podem ser agrupados em três diferentes categorias: (i) nomes oriundos de países de língua inglesa que mantêm a grafia do inglês; (ii) nomes que não são, mas parecem derivar do inglês por conta da ortografia adotada e (iii) nomes de origem inglesa que são adaptados à ortografia do português. A análise aponta para o fato de que a escolha de um nome próprio derivado da língua inglesa pode estar relacionada ao desejo de mudança do *status quo*. No entanto, ao adotarem esses nomes para seus filhos, brasileiros transformam e transcendem o inglês, desenraizando-o de sua americanidade e tornando-o uma língua "bastarda adaptada às distorções que as culturas lhes infligem" (Ortiz, 2003, p. 192).

Palavras-chave: nome próprio; língua inglesa; estrangeirismos

ABSTRACT: In this paper, through the analysis of a website in which prospective parents argue and ask for suggestions about the name of their children, my intention is to understand the reasons that lead these individuals to opt for names that derive or have traits in their spelling of the English language. It is noticed that these names can be grouped into three different categories: (i) names that come from English-speaking countries and that maintain the spelling of English, (ii) names that are not, but seem to derive from English because of the spelling adopted and (iii) names of English origin that are tailored to the spelling of Portuguese. The analysis points to the fact that choosing a name derived from the English language may be related to the desire to change the *status quo*. However, by adopting these names for their children, Brazilians transform and transcend the English language, uprooting it from his Americanness and making it a "bastard language adapted to the distortions that the cultures inflict" (Ortiz, 2003, p. 192).

Keywords: first name, English; anglicisms

¹ Mestre em Língua Aplicada pela PUC-SP. Atualmente é coordenadora de Língua Inglesa da Escola Brasileira Israelita Chaim Nachman Bialik. Atua, também, como professora no curso de extensão Bilinguismo: Revisão de teorias e análise de dados da COGEAE/PUC-SP e no curso de pós graduação Didática para Educação Bilíngue do Instituto Singularidades. É membro do grupo GEEB (Grupo de Estudos sobre Educação Bilíngue) da PUC-SP e integrante do Bilingualism Sig - Braz Tesol. antoniettaheyden@hotmail.com

*Quando chegou a hora de registrar e batizar o menino foi um problema. Avós, tias e outras pessoas achavam que o nome mais cotado era Frederico. Fui contra desde que surgiu a ideia. Raciocinei: se partirmos a palavra Frederico teremos uma frase que é **Fred é rico**. Registrando meu primeiro filho como Frederico quem sabe se eu mesmo não estaria condenando meu filho a ser um desprovido da sorte, a quem faltasse até o pão de todos os dias? Bati o pé e fui registrar o herdeiro.*

ô Qual é o nome da criança? ô indagou o Oficial do Registro Civil.

ô Fred.

ô Fred só ou Frederico? ô retrucou o serventuário da Justiça.

ô Fred mesmo. Ele fica com esse nome que não constitui uma carga nem um objetivo. Ser pobre ou rico fica dependendo só do esforço dele.

Mário Souto Maior

1. SITUANDO ESTE TRABALHO

A primeira pergunta de um questionário ou a primeira linha de um currículo é composta pelo nome próprio. O nome é o principal identificador de um indivíduo em sua vida social e tem implicação direta na imagem que o sujeito constrói de si mesmo, na imagem que ele quer projetar de si mesmo e na imagem que o outro constrói do sujeito.

Ademais, os nomes são indicadores do universo cultural dos pais e das expectativas que esses embutem em seus filhos. Nesse sentido, Assis-Peterson (2008) explica que a simples escolha do nome pode indicar diferenças culturais e de classes, aprovação ou preconceito. A autora ilustra essa ideia citando a pesquisa, realizada por economistas americanos, na qual pais com a expectativa que seus filhos alcancem sucesso na vida, preferem atribuir-lhes nomes de classes, como Katherine, ao invés de nomes que remetem às preferências das classes populares, como Raven (DUBNER e LEVITT, 2005 apud ASSIS-PETERSON, 2008, p. 324).

Outras pesquisas realizadas acerca desse tema revelam que os nomes próprios parecem influenciar resultados socioeconômicos dos indivíduos. Arai e Thoursie (2009), por exemplo, relatam que imigrantes que vivem na Suécia obtiveram um acréscimo de aproximadamente 26% no salário ao modificarem seus nomes originais para nomes que soam suecos.

No Brasil, observa-se a adoção indiscriminada de nomes próprios em inglês, sobretudo, mas não exclusivamente, nos baixos estratos sociais. *João, Manuel, Maria e Severina* parecem estar sendo substituídos por *Magaiver, Kelly, Marilyn e Kennedy*. Não se pode esquecer também dos nomes que não são, mas parecem ter origem estrangeira por conta da ortografia adotada, como por exemplo, *Christiany, Thatyana, Karla e Edwardo*. Há ainda nomes próprios de origem estrangeira que são adaptados à

ortografia do português, tais como *Taison*, de *Tyson*, e *Uílson*, de *Wilson*. Esse fenômeno pode ocorrer devido ao fato de que, na legislação brasileira², só há dois impedimentos na escolha de nomes próprios: serem ridículos ou imorais, não sendo proibido ao pai registrar seu filho com a ortografia que lhe pareça mais conveniente.

A meu ver, uma possível motivação para a escolha de um nome próprio derivado da língua inglesa pode estar no desejo de mudança do *status quo*. Nessa direção, denota-se o desejo de que os filhos tenham chances diferentes na vida, se comparadas com as de seus pais, oriundos, na maioria das vezes, de classes desprivilegiadas. Corroborando a essa ideia, os resultados da pesquisa de Justina (2006) ao investigar a presença de anglicismos no cotidiano brasileiro, apontaram para o fato de que brasileiros buscam identificação com a língua/cultura norte-americana para obtenção de status social e econômico. Nesse sentido, a autora salienta que a língua inglesa está associada à beleza, estilo e competência. Desse modo, como ressalta Assis-Peterson (2008, p.326):

(...) expressões da língua inglesa estampadas em camisetas, em cartazes, em revistas, em nomes de estabelecimentos comerciais, em vitrines de lojas saltam aos olhos de muitos ou de alguns brasileiros ou até mesmo de estrangeiros em visita ao Brasil.

No entanto, como apontam os resultados do estudo realizado pela pesquisadora, essas expressões nem sempre são em inglês. Muitas vezes, brasileiros empregam palavras que não existem em língua inglesa, apenas lembram a grafia ou fazem menção ao som da palavra em inglês. Com isso, observa-se, como argumenta Ortiz (2006), uma reinvenção da língua inglesa, que se estende dos nomes dos estabelecimentos aos nomes próprios adotados. Isso faz com que sejam muitos Uélintons, Uóxintons e Maiques em nossa Roliúde Brasileira.

Neste artigo, mediante a análise de conversas em fóruns de um *website*³ que tem por objetivo propiciar aos futuros pais um espaço para discussão sobre os nomes que

² Lei 6.015/73. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16015.htm. Acesso em: 01 out. 2012

³ <http://listas.br101.org/nomes-masculinos-a.html>
<http://listas.br101.org/nomes-femininos-a.html>

darão aos filhos, busco compreender as razões que levam esses indivíduos a optarem por nomes que derivam ou que possuem em sua grafia traços da língua inglesa.

Para tanto, este artigo está organizado em três seções. Na primeira, discuto a propagação dos anglicismos no Brasil. Na segunda, analiso as conversas e as sugestões de nomes descritas no *website* selecionado. Por fim, na terceira seção, teço minhas considerações acerca da temática discutida.

2. O CASO DOS ANGLICISMOS NO BRASIL

No Brasil, o inglês está presente em uma infinidade de lugares, tais como placas de estabelecimentos, vitrines de lojas, anúncios de TV, camisetas usadas pelos brasileiros e também em seus nomes próprios, caso de estudo deste artigo.

Assis-Peterson (2008) retoma historicamente a expansão da língua inglesa no Brasil e explica que entre os anos 50 e 70 desenvolveu-se nos brasileiros um sentimento de rejeição à língua inglesa e ao governo/povo americano. Essa rejeição seria justificada pelo entendimento que se ganhou do imperialismo cultural dos Estados Unidos e da condição do Brasil como colônia mediante a invasão de produtos culturais norte-americanos, tais como filmes, seriados de televisão, música, coca-cola, hambúrgueres e brinquedos infantis, entre outros. Acreditava-se que essa invasão acarretaria na destruição da nossa língua/identidade e da economia nacional. Tal temor foi rememorado por projetos políticos como o de Aldo Rebelo e Jussara Cony, que tinham como objetivo purificar a língua portuguesa, contaminada, de acordo com eles, pelos anglicismos.

A autora prossegue essa retomada e declara que a partir dos anos 80, por força da globalização, a língua inglesa adquiriu novos traços e riscos amplamente associados ao regime econômico neoliberal (ASSIS-PETERSON, 2008, p. 327). Desse modo, a língua inglesa passou a ser uma moeda de alta cotação no mercado linguístico-cultural brasileiro.

Somando-se a isso, Phillipson (2006) explica que a hegemonia da língua inglesa é justificada a partir de três argumentos básicos. Em primeiro lugar, acredita-se que a língua inglesa tenha qualidades intrínsecas que facilitam sua aprendizagem, o que

tornaria adequada a sua universalização. Em segundo lugar, uma vez que a língua é a mais bem equipada em termos de recursos, como professores treinados, vídeos, dicionários, livros didáticos, e editoras multinacionais, considera-se que esteja preparada para o consumo mundial. Finalmente, acredita-se que a língua inglesa é capaz de qualificar profissionais e dar acesso à tecnologia em áreas científicas, além de facilitar a comunicação entre diversas populações e levar os valores do mundo pós-moderno aos povos primitivos e atrasados.

A esse respeito, Blommaert (2006) alerta para o fato de que tanto o processo de disseminação quanto o de emergência de uma língua são processos ideológicos. Entende-se que ideologia, neste trabalho, se refere às crenças e suposições inconscientes que são naturalizadas e, conseqüentemente, contribuem para a hegemonia (TOLLEFSON, 2006, p.47).

Sob esse prisma, é importante analisar que a hegemonia linguística do inglês manifesta-se de diversas maneiras e não necessariamente refletem o fato de que brasileiros, de modo geral, realmente precisam do inglês. A língua de mais amplo uso beneficia-se das imagens dos anúncios de corporações multinacionais e de sua associação com o sucesso e o hedonismo. Para Phillipson (2002), esse fenômeno é reforçado por uma ideologia que glorifica a língua dominante e estigmatiza outras, sendo esta hierarquia racionalizada e internalizada como normal e natural, e não como a expressão de valores e interesses hegemônicos.

Todavia, Ortiz (2006, p. 29) salienta que ao se tornar língua mundial, o inglês se institui como uma peça a ser legitimamente apropriada, modificada, ressignificada nos diversos contextos de sua utilização e que a diversidade de sotaques é o preço pago por sua hiper-centralidade na galáxia linguística.

Na seção seguinte, discorro acerca da adoção de nomes próprios de origem inglesa no Brasil e sobre a ressignificação/modificação desses nomes no cenário brasileiro.

3. A ADOÇÃO DE NOMES PRÓPRIOS DE ORIGEM INGLESA NO BRASIL

A adoção indiscriminada de nomes próprios em inglês ficou evidente na análise de conversas em fóruns do *website* selecionado. As páginas desse *website* são organizadas de acordo com as letras do alfabeto e em cada uma, futuros pais pedem sugestões aos usuários da página acerca de um nome para seus filhos. Proponho três categorias para organizar os tipos de nomes coletados. São elas: (1) nomes oriundos de países de língua inglesa que mantém a grafia padrão do inglês; (2) nomes que não são, mas parecem derivar do inglês por conta da ortografia adotada e (3) nomes de origem inglesa que são adaptados à ortografia do português.

Dentre os nomes adotados que mantém a grafia padrão do inglês, verifica-se que a maioria desses advém de personalidades famosas, de celebridades, o que parece tornar evidente que a cultura de massa (cinema, TV e música), especialmente a produzida em língua inglesa, tem servido de referência e modelo de sucesso para pais brasileiros. Nessa categoria, destacam-se nomes como: *Michael Douglas* e *Mariah* (de *Mariah Carey*). Há também alguns nomes que já perderam o status de estrangeiros devido à adoção desses por diversas gerações, como por exemplo, *Arthur*, *Alice* e *Edgar*. Atualmente, esses nomes são bastante populares e, por isso, considerados simples e comuns em português. No entanto, ao comparar esses nomes com os nomes mais adotados na Inglaterra e nos EUA, percebe-se que os nomes de origem inglesa de maior incidência no Brasil não correspondem aos da Inglaterra e EUA. A esse respeito, Lansky (2005, p. 18) lista os dez nomes mais adotados nesses países, como se observa no quadro a seguir, organizados a partir dos nomes de maior incidência (Sarah e Nichola):

Quadro 1: Nomes próprios mais comuns nos EUA e na Inglaterra

Nomes femininos	Nomes masculinos
Sarah	Nichola
Abigail	Daniel
Olivia	William
Elizabeth	Ethan
Alyssa	Anthony
Jessica	Ryan
Grace	Tyler

Laurenn	David
Taylor	John
Kayla	Alexander

Fonte: Lansky (2005, p. 18)

A partir da comparação dessa lista com os nomes mais sugeridos no website analisado, torna-se possível observar que as adoções de nomes de origem inglesa no Brasil e de nomes nos EUA e na Inglaterra não seguem o mesmo padrão. Com isso, parece possível concluir que, no Brasil, a mídia determina de forma relevante e definitiva grande parte do processo decisório da adoção de nomes pelos pais.

A segunda categoria refere-se a nomes que não são, mas parecem derivar do inglês por conta da ortografia adotada. Nota-se, nesse *website*, uma incidência muito alta de nomes nos quais a grafia apresenta traços da língua inglesa, como por exemplo, a utilização de *y*, *w* e letras duplas com *ff*, *nn* ou *tt*. Registro, a seguir, alguns depoimentos, coletados nos fóruns de discussão do *website* analisado, nos quais essa grafia pode ser observada:

S1: oi meu nome é Nanny Louyse, tenho 20 anos e tenho 3 filhos um menino e duas menina, são gemios, se chamam Kettlelyn, Daffny e Nattan, são lindos os nomes e meigos!!!! Acho q para criança um nome meigo combina mais!!!! Tambem tenho: Keyze, Hevelly ,Ryana ,Naianne e Naylla.⁴

Nessa mesma vertente, S2, S3 e S4 apresentam algumas das opções escolhidas por eles para nomeação dos filhos:

S2: Me ajudem a colocar o nome da minha filha! Olhem alguns que eu escolhi!!!
Pyetra, Allicy, Anna Kllarah, Bella, Isabelly, Carolinny, Milenny, Jullyah, laurah Sophia.

S3: meu nome e wislaine no meu marido welington do meu irmao é wellington os filhos do meu irmao é wingridy e wender...eu gostaria de nomes com w que nao tenha nenhum na familia tenho primo q chama willian me ajuda por favor estou gestante.....

S4 EU Acho lindo Laylla, Liryell(meu nome), Emilly, Thais Isabelly, Hillary, Mirelly, Kevillyn, Rult Ellen

⁴ Textos retirado na íntegra, sem correções gramaticais ou ortográficas, do website analisado.

Nesta categoria, verifica-se também muitos nomes femininos com a terminação do nome inglês *anne* e com a metade inicial de origens diversas, como por exemplo, *Fabyanne* e *Tatyanne*. Por sua vez, percebe-se, dentre os nomes masculinos, a composição de nomes com o final *son*, como *Richarlyson*, *Keirrisson* e *Odaíson*.

A análise sinaliza que a razão pela qual brasileiros abusam de grafias que trazem traços da língua inglesa parece ser a ideia de que nomes de origem estrangeira são mais sofisticados e mais sofisticados do que os nomes próprios comuns em português, como se pode observar nos relatos de S5 e S6:

S5: meu nome é Nathally Evellyn Reis da Silva. eu acho lindo meu nome o que mata ele é o "da Silva" odeio o da silva por isso so escrevo o meu nome assim Nathally Evellyn Reis da S. kk

S6: eu acho tiffany muito bonito mais seria melhor se vc mudasse o jeito de escrever e colocasse assim THYFFANY ficaria mais chique THYFFANY CECILIA lindo.

Os relatos de S5 e S6 revelam que há uma supervalorização de nomes de origem inglesa ou que trazem traços dessa língua em sua grafia em detrimento dos nomes brasileiros, como é o caso de Silva, uma vez que aos nomes de origem inglesa parecem estar associadas noções que remetem à riqueza e ao sucesso.

Somando-se a essa ideia, Assis-Peterson (2008) enfatiza que os brasileiros, tendo em mente representações que fazem de falantes de inglês, especialmente os norte-americanos, associam a eles sentimentos conflituosos de aproximação e afastamento, de atração e repulsa, em função dos efeitos de sentido que envolvem essa língua. Esse movimento de afastamento do que é estrangeiro, principalmente americano, também pode ser notado entre os relatos coletados no *website*, como se observa em S7 e S8:

S7: Desculpa a intromissão, mas como este site foi feito para dar opiniões, vou te dar a minha... Acho lindo o nome Nicole, inclusive vou colocar na minha filha quando a tiver também, mas assim...NICOLE... Pra quê NICOLLY?? Vê se não ficou meio que nome de cachorro? cheio de L e Y que nem usamos em nenhuma palavra aqui no Brasil. Vamos manter a originalidade do nosso país, é tão mais bonito. Tenho certeza que a sua filha vai agradecer!

S8: quanto mais letras menos significado e mais cafona.....escrever como se le kerolainny,por exemplo,kemilly,maicom jegsson...!a grafia não é assim e não orna com os sobrenomes brasileiros exemplo:kettilynn lorrynny da silva,kevellyn gabrielly da silva!!!não tem nada de diferente nestes nomes

pelo contrario tem de monte por aew....é marca de pobre ficar enfeitando assim e pobre e o q mais tem no brasil!pelo amor de DEUS cuidado nomes assim,não tem significado:ketiney,kevillyn,emillyn,keysley.keisher,maycolm,cleisson,rayen ny,hally breyen.....aff!!nome atrai,tem q ter significado.....é so puxar no google q vc acha o q significa.....ve se tem algum rico querendo ser fresco dando estes nomes horrorosos cheio de w y k p coitados.não pode ser menina q tem que ter lly nny.....peloamordedeus

De acordo com Assis-Peterson (2008), por vezes, é possível detectar dentre brasileiros discursos que parecem desejosos do desenvolvimento, progresso, conhecimento, aquisição de bens culturais e econômicos que seriam obtidos por meio da língua inglesa. Por outro lado, há discursos que demonstram o desejo de combater a submissão/subserviência à cultura e à economia norte-americana. No *website* analisado observa-se a manifestação de alguns poucos sujeitos, como S7 e S8, que contrariam a maioria na adoção de nomes com traços da língua inglesa e que, ao contrário da maioria, defendem a ideia de que nós, brasileiros, não precisamos enfeitar, como afirma S8, nossos nomes para que sejam originais.

A terceira categoria refere-se a nomes de origem inglesa que são adaptados à ortografia do português, como por exemplo, *Ualan* para *Alan* e *Braian* para *Brian*. Outros que aparecem com grande frequência dentre os nomes da análise são: *Maikon*, *Maycon*, *Maickon* e *Maiquel* para *Michael* e *Deyvid*, *Deividi* e *Deivide* para *David*. Acredito que esses pais apreciam a sonoridade desses nomes e os adotam para seus filhos da maneira que imaginam que devam ser escritos, por desconhecerem a irregularidade na escrita da língua inglesa no que se refere à relação grafema/fonema.

Após a análise dos nomes presentes no *website*, parece ser possível afirmar que a adoção de nomes de origem inglesa é uma opção bastante comum entre os usuários desse fórum. Esses nomes são apresentados por meio da propaganda, do comércio, da indústria, dos filmes e da música e pouco a pouco astros e estrelas da óperfeitã sociedade americana inspiram os registros de nomes ingleses na Roliúde brasileira.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação para a adoção de uma palavra de origem suposta ou verdadeiramente estrangeira para nomear um filho(a) parece residir sobre uma questão extralinguística, porém extremamente relacionada ao imperialismo linguístico, proposto por Phillipson (2006). Desse modo, parece natural que entre alguns brasileiros a ideia de que o que deriva do inglês está relacionado à noção de progresso e desenvolvimento.

Todavia, compreender esse fenômeno implica em compreender como o inglês se instituiu, no Brasil, como um idioma a ser legitimamente apropriado, modificado, ressignificado nos diversos contextos de sua utilização, estendendo-se a essa compreensão, a utilização de nomes próprios de origem inglesa pelos brasileiros. Afinal, ousar dizer que nomear é, sobretudo, desejar. Assim, aquele que nomeia o filho, deseja, de alguma forma, materializar nesse indivíduo alguma característica ou assegurar a sorte futura. Para nós, pesquisadores, o nome próprio, ainda que impróprio, é percepção da realidade, portanto, matéria para estudo e reflexão.

5. Referências bibliográficas

ARAI, Mahamood; THOURSIE, Peter S. Renouncing Personal Names: An Empirical Examination of Surname Change and Earning. In: *Journal of Labor Economics*. Vol.27, n.1, p. 127-147, 2009.

ASSIS-PETERSON, Ana Antônia. Como ser feliz no meio de anglicismos: processos translíngüísticos e transculturais. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Vol.47, n.2, pp. 323-340, 2008.

BLOMMAERT, Jan. Language Policy and National Identity. In: Ricento, Thomas (ed.). *An introduction to language policy: Theory and method*. Oxford: Blackwell, 2006, p. 238-254.

JUSTINA, Olandina. *Presença e Uso de Anglicismos no Cotidiano Brasileiro: a visão de pessoas comuns*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2006.

LANSKY, Bruce. *55,000+ baby names*. New York: Meadowbrook Press, 2005.

ORTIZ, Renato. *Mundialização da Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

ORTIZ, Renato. *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PHILLIPSON, Robert. *International Languages and International Human Rights*. Esperanto-Dokumentoj, nº 37, 2002. Disponível em: <http://uea.org/info/angle/ed37-angla.html>. Acesso em: junho de 2012.

PHILLIPSON, Robert. Language policy and linguistic imperialism. In: Ricento, Thomas (ed.). *An introduction to language policy: Theory and method*. Oxford: Blackwell, 2006, p. 346-361.

TOLLEFSON, James. Critical Theory in Language Policy. In: Ricento, Thomas (ed.). *An introduction to language policy: Theory and method*. Oxford: Blackwell, 2006, p. 42-59.

Recebido em 1 de outubro de 2012.

Aceito em 20 de outubro de 2012.